


**EDUCAÇÃO E TRABALHO: UMA REFLEXÃO SOBRE O PENSAMENTO DE  
ADAM SMITH E MARX E ENGELS**

**EDUCATION AND LABOR: A REFLECTION ON THE THOUGHT OF ADAM  
SMITH AND MARX AND ENGLES**

**EDUCACIÓN Y TRABAJO: UNA REFLEXIÓN SOBRE EL PENSAMIENTO DE  
ADAM SMITH Y MARX Y ENGELS**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n1-164>

**Data de submissão:** 11/12/2025

**Data de publicação:** 11/01/2026

**Agda Fernanda Mendes da Silva de Oliveira**

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: [agdafernandabr@gmail.com](mailto:agdafernandabr@gmail.com)

**Wellington Sabara dos Santos**

Mestrando em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: [wellingthonsabara@outlook.com](mailto:wellingthonsabara@outlook.com)

**Tânia Maria Rechia Schroeder**

Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: [taniamaria.rechia@hotmail.com](mailto:taniamaria.rechia@hotmail.com)

**Neide da Silveira Duarte de Matos**

Doutorado em Psicologia

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: [Neide.matos@unioeste.br](mailto:Neide.matos@unioeste.br)

---

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão sobre alguns aspectos da educação e do trabalho no pensamento de Adam Smith e Karl Marx, destacando elementos históricos contemplando questões sociais, políticas, econômicas e educacionais. O trabalho é uma categoria essencial para a constituição histórica do gênero humano sendo importante a sua mobilização quando tratamos do desenvolvimento da sociedade, pois por meio dele o homem pode alcançar condições materiais para sua realização. Na concepção de Marx, o trabalho é entendido como um princípio fundamental no processo educativo, sendo por meio da interação entre o trabalho e a educação que se torna viável a formação de um novo sujeito. O homem é um ser social e para poder existir se utiliza dos recursos naturais transformando-os em elementos materiais essenciais para a vida e para a manutenção da sociedade, que requer esse processo de reprodução das condições materiais para assegurar a sua existência. A presente pesquisa se justifica pela importância na construção de saberes sobre a temática para estabelecer reflexões acerca dos fenômenos sociais, as lutas e as contradições nas quais estamos imersos ao longo da história.

**Palavras-chave:** Trabalho. Educação. Capitalismo.

### **ABSTRACT**

The aim of this article is to reflect on certain aspects of education and labor in the thought of Adam Smith and Karl Marx, highlighting historical elements that encompass social, political, economic, and educational issues. Labor is an essential category for the historical constitution of the human species and is important to mobilize when addressing the development of society, since through it human beings can achieve the material conditions necessary for their fulfillment. In Marx's conception, labor is understood as a fundamental principle in the educational process, and it is through the interaction between labor and education that the formation of a new subject becomes possible. Human beings are social beings and, in order to exist, make use of natural resources by transforming them into material elements essential to life and to the maintenance of society, which requires this process of reproducing material conditions to ensure its existence. This research is justified by its importance in the construction of knowledge on the topic, in order to establish reflections on social phenomena, struggles, and contradictions in which we have been immersed throughout history.

**Keywords:** Labor. Education. Capitalism.

### **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre algunos aspectos de la educación y el trabajo en el pensamiento de Adam Smith y Karl Marx, destacando elementos históricos que abarcan cuestiones sociales, políticas, económicas y educativas. El trabajo es una categoría esencial para la constitución histórica del género humano, y su movilización es importante cuando se trata del desarrollo de la sociedad, ya que a través de él el hombre puede alcanzar las condiciones materiales para su realización. En la concepción de Marx el trabajo es entendido como un principio fundamental en el proceso educativo, y es a través de la interacción entre trabajo y educación que se hace viable la formación de un nuevo sujeto. El hombre es un ser social y para existir utiliza los recursos naturales, transformándolos en elementos materiales esenciales para la vida y para el mantenimiento de la sociedad, lo que requiere de este proceso de reproducción de las condiciones materiales para asegurar su existencia. Esta investigación se justifica por la importancia de construir conocimiento sobre el tema para establecer reflexiones sobre los fenómenos, luchas y contradicciones sociales en los que estamos inmersos a lo largo de la historia.

**Palabras clave:** Trabajo. Educación. Capitalismo.

## 1 INTRODUÇÃO

Para entendermos os fenômenos sociais, as lutas e as contradições em que estamos inseridos ao longo da história se faz necessário nos debruçarmos sobre o estudo da história que nos proporciona conhecer “o presente e intervir no futuro através do estudo do passado, não cometendo os mesmos erros de nossos antepassados” (Lopes; Galvão, 2001, p. 26). É nesse movimento que devemos compreender os fenômenos do presente por meio dos estudos do passado e como isso influencia nos modelos sociais da sociedade contemporânea. Dito isso, a educação não pode ser analisada ahistoricamente, isto é, desvinculada do curso histórico, uma vez que está intrinsecamente relacionada à dimensão existencial dos indivíduos e, assim como qualquer outro aspecto da vida humana, é sujeita a transformações ao longo do desenvolvimento histórico. (Lombardi, 2011, p. 348).

A construção de qualquer definição se dá a partir de pressupostos filosóficos, assim para construir uma definição acerca do trabalho mobiliza-se a perspectiva teórica marxista. Dito isso, podemos considerar o trabalho como uma ação social, que exige o domínio de saberes para o desenvolvimento de suas atividades. Partindo do pressuposto que o homem diferente dos animais produz o seu meio de vida, a partir de uma ação intencional. O trabalho é uma forma de existência e, também uma manifestação da realização do próprio ser humano.

A presente pesquisa se justifica pela importância na construção de saberes sobre a temática educação e trabalho para estabelecer reflexões acerca dos fenômenos sociais, as lutas e as contradições nas quais estamos imersos ao longo da história.

É nesse movimento que encontramos a categoria trabalho sobre a qual está instituída a sociedade. O trabalho pode ser compreendido como atividade humana individual ou coletiva que “exige diferentes olhares para sua compreensão” (Fernandes; Gedrat; Vieira, 2023), sendo uma prática consciente e planejada. O homem para satisfazer suas necessidades retira da natureza meios para garantir sua sobrevivência, ao mesmo tempo se humaniza, desenvolve e cria novas necessidades.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento da discussão proposta, a pesquisa se baseia em uma abordagem bibliográfica ancorada nos pressupostos do Materialismo Histórico Dialético. As reflexões desenvolvidas neste trabalho foram pautadas nas obras clássicas de Adam Smith (1996), Marx e Engels (1992), Eric Hobsbawm (2012) e Frigotto (2010). O artigo está organizado de forma a incluir uma seção dedicada à Revolução Francesa e à Revolução Industrial, com o objetivo de realizar uma retrospectiva histórica dos valores filosóficos predominantes que impulsionaram a criação de uma escola pública, laica e acessível a todos. Em seguida, a seção sobre Trabalho e Educação aborda as principais ideias de Adam Smith,

expostas em *A Riqueza das Nações*, e de Marx e Engels, presentes em *Textos sobre Educação e Ensino*, relacionadas ao trabalho e à educação. Por fim, o artigo destaca o modelo de escola na sociedade moderna.

## 2.1 A EDUCAÇÃO NO PERCURSO HISTÓRICO: DA IDADE MÉDIA A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Na Idade Média, a escola era entendida como um espaço ideológico vinculado à Igreja, onde o conhecimento era transmitido a uma parcela restrita da população, em ambientes fechados, por membros do clero, em que o conteúdo ministrado era rigidamente supervisionado. A educação nesse período foi restrita a uma parcela da sociedade, sendo formada por nobres, intelectuais e filósofos. Durante a Baixa Idade Média, surgem as universidades e observa-se um aumento no interesse pelas obras dos filósofos, especialmente as de Aristóteles, o que contribui para a ampliação do horizonte filosófico-científico. Esse processo é acompanhado pelo emprego de recursos pedagógicos, como instrumentos racionais, o desenvolvimento do pensamento lógico e a aplicação dos métodos escolásticos. Com o advento desse novo pensamento filosófico reforçou a ruptura com feudalismo, contribuindo para o período Renascentista, no qual a escola passou a ser vista como o espaço destinado à formação de indivíduos livres (Dias, 2023; Pulido, 2018).

No contexto da Revolução Francesa, iniciada com a queda da Bastilha em 1789, e da Revolução Industrial, que começou no final do século XVIII, destacam-se por impulsionarem transformações significativas nas esferas social, política e econômica. A Revolução Francesa foi um marco no desenvolvimento das ideias modernas sobre liberdade, igualdade e fraternidade. Sua ocorrência foi motivada por diversos fatores como a marginalização e a opressão do Terceiro Estado (que incluía a burguesia, camponeses e trabalhadores urbanos), assim como pelo clero e a nobreza. A crise financeira e fome gerada pelas guerras, bem como a escassez de alimentos, principalmente o pão, estimularam revoltas populares, sendo influenciadas pelos ideais iluministas que questionavam a autoridade monárquica, a desigualdade e defendiam princípios como a liberdade, a razão e os direitos do homem (Hobsbawm, 2012).

Na perspectiva da Educação a Revolução Francesa existiam valores predominantes que buscavam o desenvolvimento de uma escola pública, laica, obrigatória e para todos. Nesse sentido, os valores burgueses relacionados à Educação permanecem nos dias atuais como uma forma de investimento social. Segundo Hobsbawm (2012) a escola, no século XVIII, foi utilizada para formar novos cidadãos, produtivos e livres do modo de vida feudal.

De acordo com Lombardi (2002), os processos revolucionários são acompanhados pela ampliação da participação das minorias na esfera social e política. Tal condição, impulsiona o avanço das propostas pedagógicas e a organização do ensino. Nesse contexto, a educação assume características públicas,

gratuitas, populares e laicas. No entanto, com a reorganização da burguesia e a consolidação de sua hegemonia sobre o Estado, a educação retorna a um caráter dual, no qual a defesa do ensino público se estabelece em coexistência com instituições privadas em diferentes níveis de ensino. A gratuidade, nesse cenário, passa a ser concebida como uma concessão estatal destinada àqueles que não possuem recursos financeiros para custear sua educação.

A Revolução Industrial foi caracterizada pela transição de uma economia agrícola e artesanal para uma economia baseada na produção em larga escala, nas fábricas e no uso intensivo de máquinas. Esse processo teve algumas características como mudança na produção, urbanização caracterizado pelo crescimento urbano e a formação de uma nova classe trabalhadora industrial. As mudanças no trabalho foram marcadas por condições precárias nas fábricas com longas jornadas de trabalho e salários baixos, levando a movimentos trabalhistas e reivindicações por melhores condições. Nesse período, com o crescimento industrial, o capitalismo se tornou o sistema econômico dominante (Hobsbawm, 2012).

As transformações decorrentes da Revolução Industrial afetaram a educação levando à expansão da escola para atender às demandas impostas pela industrialização, exigindo a criação e padronização de métodos de ensino. Uma das principais mudanças trazidas pela Revolução Industrial foi a reorientação do papel da escola, que passou a priorizar a formação de operários para o trabalho nas fábricas, sendo que antes de formar cidadãos a escola deveria formar operários. As transformações sociais exigiam, assim, a implementação de um ensino técnico e profissional para assegurar uma mão de obra qualificada que pudesse ser utilizada no crescimento da indústria (Hobsbawm, 2012). Nesse cenário, o professor é visto como o agente responsável pela transmissão do conhecimento, enquanto o aluno ocupa a posição de receptor desse saber. Esse entendimento é abordado por Freire (2019) ao desenvolver o conceito de Educação Bancária.

A escola, nesse sentido, configura-se como um espaço central no contexto social, suscitando reflexões como as de Bourdieu (1998), que critica o papel social desempenhado pela instituição ao interpretá-la como um ambiente de reprodução das estruturas sociais entre gerações. Nessa perspectiva, a escola legitima as desigualdades ao reproduzir e distribuir a cultura conforme a sua classe social.

É possível observar que o viés introduzido na escola nesse período reflete sobre qual modelo de homem e de educação que se forma na contemporaneidade. A educação fundamental está alicerçada sobre pressupostos capitalistas que tem como centralidade a preocupação com os resultados, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso está no indivíduo. Nessa perspectiva, o que importa é estabelecer níveis desejáveis de aquisição de conhecimentos, ou seja, uma lista de competências.

## 2.2 ALGUMAS QUESTÕES SOBRE EDUCAÇÃO E TRABALHO NA OBRA CLÁSSICA DE SMITH, MARX E ENGEL

Os clássicos da literatura são obras que expressam um sentido coletivo e universal, tais obras resistem ao tempo e instauram um novo método científico de análise da realidade. Surgem em momentos históricos de transição cuja necessidade exige uma referência de análise que possa contemplar os anseios sociais, políticos e econômicos da sociedade. A cada releitura de um clássico novos significados podem ser alcançados, segundo o momento histórico que se vive, uma definição que pode ser dada para os clássicos é:

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos (Calvino, 1991, p.12).

A leitura de um clássico desempenha um papel fundamental na ampliação das percepções sobre o mundo, possibilitando ao indivíduo, por meio das condições materiais, ressignificar a sua análise sobre a realidade e, assim, construir sua própria história.

Dito isso, adentramos a obra clássica “*A Riqueza das Nações*”, de Adam Smith, que apresenta reflexões sobre a sociedade capitalista em consolidação e sua conexão com o progresso humano. Os princípios do liberalismo econômico exerceram grande influência no final do século XVIII e ao longo do século XIX. Para Smith, o trabalho pode ser compreendido como um fundamento essencial para prover os recursos necessários à vida humana, enquanto a divisão do trabalho surge como um mecanismo que favorece o bem-estar social (Smith, 1996).

Baseado em uma concepção de sociedade fundamentada em leis naturais, Smith (1996) interpreta o capitalismo e o livre mercado como desdobramentos naturais do progresso humano. Em sua visão, a sociedade tende a evoluir para uma organização social estruturada no mercado, sendo marcada pelas distinções entre classes sociais. Para Smith, o trabalho é concebido como a origem de toda a riqueza. A partir dessa compreensão a sociedade evolui por meio de estágios que passam da caça, ao pastoreio, agricultura e o comércio, até chegar ao capitalismo como forma predominante de organização produtiva.

Por este viés, a sociedade capitalista é apresentada como o estágio ideal de sociabilidade, no qual o trabalhador tem a possibilidade de trocar o excedente de sua produção, promovendo benefícios mútuos. Nesse contexto, o mercado seria responsável por estabelecer um equilíbrio geral na dinâmica social. Podemos observar que a educação e o trabalho são vistos como a mola propulsora, a remuneração é feita pelo mérito e pela produtividade. A educação é voltada para a qualificação para o trabalho e disso resulta uma harmonia social.

É nesse cenário que se instala a Teoria do Capital Humano que relaciona o investimento para a formação de trabalhadores e a distribuição de renda pessoal. Os conhecimentos adquiridos serão aplicados futuramente no exercício das atividades profissionais, sem a necessidade de treinamentos adicionais ou aquisição de novos conhecimentos. Dessa forma, a qualificação e o aprimoramento do indivíduo, por meio de investimentos em educação, contribuiram para o aumento da produtividade dos trabalhadores contribuindo para a produção da riqueza (Schultz, 1973).

Nesse momento passamos a nos dedicar à próxima obra clássica intitulada “*Textos sobre Educação e Ensino*” dos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels. Nessa obra é possível observar a educação como parte da vida social, que se apresenta e se desenvolve no interior de um modo de produção determinado, nos movimentos de contradição e luta de classes. É nesse movimento que surge a escola moderna em um contexto de disputas políticas e na divisão de classes.

Segundo Lombardi (2011), a educação é determinada pelo modo como os indivíduos organizam a produção da vida material. Nesse sentido, as relações sociais que sucedem, ou seja, as relações de produção e as forças produtivas contribuem para a compreensão na maneira como os indivíduos pensam e vivenciam sua existência.

Marx e Engels insistiram, em praticamente todas as obras, quanto à necessária articulação entre trabalho produtivo e formação intelectual, entendendo que esta relação deveria ser aberta a todos os educandos, e não somente aos filhos dos trabalhadores. Não se tratava de um mero ensino técnico, da aprendizagem de um ofício, mas de uma concepção de educação fundada na articulação entre o ensino com o trabalho produtivo pago.

Marx ao produzir as “Instruções aos Delegados do Conselho Central Provisório”, AIT, 1868, sugere-se que a formação dos jovens deveria ocorrer entre os 9 e 18 anos, abrangendo o desenvolvimento intelectual, físico e politécnico. As escolas politécnicas, por sua vez, seriam parcialmente financiadas pela comercialização dos produtos resultantes de suas atividades. Considerando as condições sociais vigentes, caracterizadas pela ampla utilização do trabalho infantil, Marx defendia a articulação entre o ensino e o trabalho remunerado, associando essa prática ao desenvolvimento de atividades físicas e à formação politécnica. Assim, essa forma de educação deveria abranger tanto uma formação geral quanto uma formação científica, indispensáveis para a compreensão integral dos processos produtivos. Simultaneamente, deveria introduzir crianças e jovens ao uso prático das ferramentas associadas aos diferentes setores industriais (Marx; Engels, 1983, p. 60).

Para Lombardi (2011), a integração entre educação e trabalho pode constituir uma estratégia para a superação da exploração capitalista, funcionando simultaneamente como um instrumento para a formação crítica e como potencial transformador da classe trabalhadora.

A limitação do capital está no fato de que todo o seu desenvolvimento se efetua de maneira antagônica e a elaboração das forças produtivas, a riqueza universal, a ciência, etc., aparecem como *alienação* do trabalhador que se comporta frente às condições produzidas por ele mesmo como frente a uma riqueza alheia e causadora de sua pobreza (Marx; Engels, 1992, p. 39).

O fato do indivíduo não compreender a sua relação com o produto do seu trabalho, o torna alienado. A consciência deve orientar o trabalho do indivíduo. A extinção do trabalho se dá quando o homem é desapropriado dos seus instrumentos de produção, por exemplo, no trabalho fabril a desapropriação está associada ao domínio dos conhecimentos técnicos essenciais para a compreensão do processo produtivo. Em outras palavras, para que o trabalho não seja alienante, é necessário que o indivíduo compreenda todo o processo produtivo, desde sua concepção até sua conclusão.

Considerando o homem como ser social se forma a partir do contato com o meio, uma vez que, para suprir suas necessidades básicas produz instrumentos de caráter superior, materiais e imateriais para manutenção da vida e, é nesse conjunto de produções humanas que se encontra a cultura. Devemos compreender que as mudanças nos modos de produção, nas condições sócio-históricas geram implicações sobre as diversas atividades humanas, assim como contribuem para a composição de nova cultura, que pode estar pautada sobre privações e desigualdades ou na produção de uma cultura que propicie a reflexão, a autonomia para a formação da consciência social. A escola deve ser um espaço de humanização, de elevação cultural, pois o homem não nasce homem, ele torna-se na sua relação com o meio.

A educação possui um papel fundamental na divisão do trabalho e nas formações sociais capitalistas. Segundo Marx, a educação é um instrumento de reprodução das condições sociais e das relações de classe na sociedade capitalista. As desigualdades sociais são perpetuadas por meio do processo educativo aumentando o abismo social entre a classe dominante e a classe trabalhadora.

Dessa forma, a educação, no sistema capitalista, cumpre o papel de moldar os indivíduos para se conformarem com as condições estabelecidas pelas estruturas de poder e de produção e que as condições econômicas e as relações de produção influenciam as instituições educacionais, com o objetivo de manter exploração e a alienação do trabalhador (Marx; Engels, 1992). Por outro lado, Marx via na educação um recurso com possibilidade de realizar transformações sociais, sugerindo que ela fosse utilizada para a superação das relações classes. Para Smith a educação pode ser entendida como uma mercadoria, sendo seu valor de uso limitado pelo valor da troca, assim, aqueles que dispõem de recursos financeiros terão

acesso a um tipo de conhecimento distinto daqueles que possuem poucos recursos ou nenhum para adquirir a educação. É importante ressaltar que, o autor produziu seus textos em uma época em que a oposição ao modelo feudal era considerada um ato revolucionário (Maciel; Sousa, Souza, 2018, p. 61).

Portanto, a visão de Smith para a educação pode ser entendida como um meio de maximizar a eficiência do sistema capitalista, preparando os indivíduos para serem membros produtivos e moralmente responsáveis pelo seu avanço ou fracasso dentro da ordem social existente. Por outro lado, Marx percebia a educação como um reflexo das desigualdades do capitalismo e defendia que ela fosse usada como um instrumento de transformação social, promovendo a conscientização crítica e a superação das relações de classe, com o objetivo de alcançar uma sociedade socialista mais justa e igualitária.

A educação é o processo pelo qual a sociedade prepara o indivíduo para integrar-se a ela, por isso a necessidade de um conhecimento elaborado que possa contribuir para a desconstrução das contradições sociais, com o objetivo de superar a alienação e, possivelmente, colaborar para a emancipação humana.

### **3 METODOLOGIA**

Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, fundamentada nos pressupostos do materialismo histórico-dialético. A metodologia adotada busca compreender a relação entre a educação e o trabalho por meio de uma análise crítica das condições históricas e sociais que estruturam o modo de produção capitalista.

Segundo Gil (2017), a revisão bibliográfica “é elaborada com base em material já publicado, construído principalmente de livros, artigos e de periódicos e, atualmente, de material disponibilizado na internet”. Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador, reunir e analisar e interpretar dados já produzidos, proporcionando uma visão abrangente e crítica sobre objeto de estudo.

Nesse ínterim, a análise do conteúdo foi realizada por meio da leitura reflexiva interpretativa das obras selecionadas, buscando identificar pontos de convergência, lacunas no campo de estudo. Desse modo nos apresenta Lakatos e Marconi (2011), que a revisão bibliográfica é fundamenta para proporcionar ao pesquisador uma ampla compreensão do tema estudado, permitindo-lhe elaborar perspectivas críticas e novas abordagens com base nos conhecimentos acumulados.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A escola foi concebida como uma instituição intimamente vinculada à lógica do sistema capitalista, orientada para atender às demandas do mercado. Nesse processo, dedicou-se à formação de indivíduos passivos ao longo dos anos, desprovidos da capacidade de questionar e refletir criticamente sobre sua condição enquanto sujeitos inseridos no mundo (Frigotto, 2010).

As transformações sociais ocorridas ao longo da história exerceram impacto sobre a instituição escolar, possibilitando a formulação de princípios, como os expressos na Constituição de 1988 os quais atribuíram à escola um caráter público, subjetivo e democrático. Contudo, a materialização de uma escola que realmente torne possível esses ideais permanecem, sendo uma meta a ser alcançada pela classe trabalhadora em busca de uma sociedade justa e igualitária. No contexto social, a escola constitui um importante espaço para as lutas contra hegemônicas (Frigotto, 2010).

Partindo do pressuposto que a sociedade se organiza em última instância para atender as demandas do capitalismo e, ao mesmo tempo promove condições que reforçam as desigualdades sociais, assegurando sua continuidade. A partir da concepção liberal, destaca-se a defesa do Estado mínimo, em que tudo é transformado em mercadoria (educação e saúde), o indivíduo passa a ser responsabilizado pelo seu sucesso ou fracasso. Tal condição é resultado do afastamento do Estado na garantia e no investimento de políticas públicas (Frigotto, 2010).

A educação básica deve estar voltada à aquisição e nos resultados efetivos centrada na satisfação das necessidades básicas de aprendizagem e no desenvolvimento do sujeito para contribuir com o progresso desenvolvimento econômico. Devemos compreender que a crise atual do capitalismo decorre das significativas transformações nos meios de produção originadas pela terceira revolução industrial, resultando no avanço das tecnologias no processo de produção. A crise do capitalismo impactou a escola, redefinindo seu papel. Diante disso, o novo objetivo do capitalismo passou a ser a formação de sujeitos adaptáveis aos novos padrões de produção. Nessa condição, o conceito de trabalho está formatado pelo empreendimento, pela competência individual e a adaptação à falta de emprego.

No campo educacional, observa-se o desenvolvimento de uma formação orientada pelas demandas do mercado que é caracterizada por uma educação mínima e negligencia o conhecimento científico. Esse modelo de formação pode ser identificado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que preza pela formação técnica e o desenvolvimento de competências e proatividade. Para Frigotto (2010) na concepção capitalista, a escola é um meio para preparação de uma mão de obra qualificada, funcionando também como um veículo de propagação da ideologia dominante. Porém, existem dois tipos de escola: uma destinada aos filhos da classe burguesa, que oferece acesso ao conhecimento científico, e outra voltada para os filhos da classe trabalhadora, que se limita a leitura, escrita e cálculo.

Para que a escola possa alcançar uma educação transformadora, se faz necessário compreender a educação a partir da relação com o social, vinculada à história e a apropriação da realidade, sendo determinada pela organização social, política e econômica. Por isso, devemos reivindicar a formação humana que priorize desenvolvimento pleno do indivíduo, com acesso aos direitos sociais, para que a cultura produzida possa estimular um processo contínuo de transformação, cujo objetivo esteja atrelado

ao bem coletivo. Devemos nos contrapor a uma formação norteadada pela reprodução de condições de desigualdade, limitação ao acesso à escolarização e a precarização do trabalho. Assim, ao propiciar autonomia à Educação se contribui para a cultura, quanto menos acesso o homem tem ao conhecimento, mais vulnerável se encontra em seu processo formativo.

Devemos ressaltar a importância do conhecimento científico para que o sujeito possa conhecer o mundo, a realidade como ela é, sem esquecermos que não existe neutralidade nas relações sociais. A necessidade de construir uma prática transformadora, supõe um conhecimento sobre implicações para além das aparências, ou seja, está além do imediato. É fundamental destacar que para desarticular a hegemonia dominante cabe a construção de uma concepção de mundo elaborada através de uma prática consciente e coletiva para que seja possível a transformação social da realidade existente (Cassin, 2008).

A condição material da sociedade está baseada na propriedade privada, enquanto a sociedade estiver nesse modelo as lutas de classes irão permanecer. Por isso, tem-se a necessidade de produzir uma formação integral, ou seja, que contemple o desenvolvimento intelectual, cultural, psicossocial, afetivo e educacional (MARX, 2011). Neste sentido, a formação humana não deve ser orientada por princípios mercadológicos, mas em uma formação permanente com possibilidades de mudança nas relações do homem com o mundo.

Ao discutirmos sobre a escola, é imprescindível referir-se ao trabalho educativo, o qual pode ser entendido como um ato de produzir de modo direto e intencional a humanização do sujeito na produção do seu arcabouço cultural. Para o capitalismo o trabalho educativo é visto como uma mercadoria, sendo fundamentado na aquisição de conteúdos mínimos para estabelecer o funcionamento do mercado e da sociedade de consumo. Durante a transição do feudalismo para o capitalismo, a forma como a indústria estruturou a divisão do trabalho influenciou diretamente a organização do trabalho pedagógico nas instituições escolares.

Nesse cenário, o ato de produzir está orientado pela reprodução das condições materiais e ideológicas da sociedade capitalista, por meio da internalização de normas e valores que servem para a manutenção da divisão do trabalho (Zuck, 2023). Tal condição propicia a reprodução de desigualdades estruturais e o acesso a diferentes tipos de conhecimento, conforme a classe social. Em outras palavras, a escola volta para a classe dominante incluindo conteúdos para o acesso ao saber elaborado. Enquanto a escola para classe trabalhadora assume um caráter reducionista pautando-se no ensino mínimo, leitura, escrita e cálculo.

A educação é um modo de preparar o sujeito para viver a vida e isso significa alcançar um pensamento consciente que possa captar as coisas como elas realmente são, ou seja, em sua totalidade. É imprescindível o desenvolvimento de uma prática educativa que capacite o sujeito a pensar historicamente,

com base em uma concepção de mundo reflexiva, e que, ao mesmo tempo, seja emancipadora possibilitando a transformação da realidade.

## **5 CONCLUSÃO**

A partir da reflexão desenvolvida neste estudo, foi possível identificar que a Revolução Francesa permitiu a criação de uma escola com currículos estruturados. Embora, essa escola em sua gênese tenha sido idealizada para contemplar todas as classes sociais, um conjunto de fatores, incluindo demandas geradas pela industrialização, produziu um contexto excludente, sendo que apenas uma minoria das crianças e jovens da classe dominante passaram a ter acesso ao conhecimento superior. Por outro lado, a classe trabalhadora passou a ter acesso tão somente a uma educação destinada a atender as necessidades provenientes do sistema capitalista.

O capitalismo defende o trabalho para a produção da riqueza, assim a educação é vista como uma mercadoria a ser explorada. Devemos compreender que com o surgimento da maquinaria e o aparecimento de novas tecnologias, ocorreram transformações significativas na concepção do trabalho. O ser humano pela necessidade de sobrevivência cria condições para viver, porém pelo viés capitalista o homem não pode criar ou modificar a sua realidade. Nessa perspectiva o que compete ao homem é a satisfação dos interesses burgueses e às suas necessidades básicas imediatas, que consistem em comer, beber e vestir-se. Nessa condição os indivíduos aceitam a realidade que é imposta pela configuração social, ou seja, uma realidade de sofrimento, precarização do trabalho, privação de direitos trabalhistas e uma educação dualista. Considerando que a burguesia detém o controle sobre a ciência e os diversos campos do conhecimento, torna-se essencial que a classe trabalhadora tenha acesso ao saber sistematizado, a fim de viabilizar o desenvolvimento de uma consciência crítica.

## REFERÊNCIAS

- BORDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CALVINO, I. (1991). **Por que ler os clássicos?** (2a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- CASSIN, M. Sociedade Capitalista e Educação: Uma Leitura dos Clássicos da Sociologia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, n. 32, p. 150-157, 2008.
- COSTA, D. M. S. A escola que queremos em tempos de crises: reflexões a partir da pandemia. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 32, 24 de agosto de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/32/a-escola-que-queremos-em-tempos-de-crieses-reflexoes-a-partir-da-pandemia>
- Dias, E. A Educação e a escola. Para que servem as escolas? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.31, n.120, p. 621 – 629, 2023.
- FERNANDES, F. R.; GEDRAT, D. C.; VIEIRA, A. G. O Significado Do Trabalho: Um Olhar Contemporâneo. **Cadernos da Fucamp**, v.22, n.56, p.99-106, 2023.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GRANEMANN, S. O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade. IN: **Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.
- HOBSBAWM, E. **A era das revoluções: 1789-1848**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo. Atlas, 2011.
- LOMBARDI, J. C. A educação e a Comuna de Paris: notas sobre a construção da escola pública, laica, gratuita e popular. In: ORSO, P. J.; LERNER, F.; BARSOTTI, P. (Orgs.) **A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade**. São Paulo: Ícone Editora, 2002, p. 65 –88.
- LOMBARDI, J. C. Algumas Questões sobre Educação e Ensino em Marx e Engels. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, p.347-366, 2011.
- MACHADO, L. R. S. O trabalho como referência para a formação e a democracia. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 23, p. 1-14, e15167, 2023.
- MACIEL, P. H. F.; SOUSA, A. de A.; SOUZA, Ana C. B. de. Liberalismo e financiamento da educação em Adam Smith. **Revista LABOR**, Fortaleza, v. 1, n. 19, p. 46-62, jan./jun. 2018.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. Trad. Gaetano Lo Monaco. Rev. de Paolo Nosella. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, K. "Prefácio". MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Pontes, 1983 (2a. ed.).

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, SP: Navegando, 2011.

NOGUEIRA, M. A. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

PULIDO, M. L. Principios educativos de la educación occidental: la Edad Media. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230035, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230035>

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SMITH, Adam. **A Riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Volume II. Abril Cultural, 1996.

ZUCK, D. V. Trabalho e educação: análise comparada de elementos em Adam Smith e Karl Marx. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p.1-29, 2023.